

82.09:159.9

5957i



GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS



DANIELE DE AQUINO SILVA

INCONSCIENTE E LINGUAGEM

UNEMAT	
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA - MT	
BIBLIOTECA REGIONAL	
TOMBO Nº	00115 724
DATA	04 / 09 / 2015
CONTROLE:	92607978
() COMPRA ☒ DOAÇÃO () PERMUTA	

PONTES E LACERDA - MT
JULH 2015/1

DANIELE DE AQUINO SILVA

INCONSCIENTE E LINGUAGEM

Trabalho de conclusão de curso apresentada ao departamento de Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, *Campus* Universitário de Pontes e Lacerda, sob orientação do Prof. Maykonn Markry Sauder, como requisito parcial para a obtenção do título de graduada e licenciada em Letras.

PONTES E LACERDA - MT
JULH 2015/1



GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS



ESTE TRABALHO MONOGRÁFICO FOI DEFENDIDO E APROVADO PELA
SEGUINTE BANCA EXAMINADORA:

Prof.º Maykonn Markry Sauder – (Orientador)

Prof.ª Selma de Albuquerque Cavalcanti Kirch - (Membro)

Prof.ª Marlene Flores de Souza - (Membro)

Pontes e Lacerda - MT
Julho 2015/1

UNEMAT
Campus Universitário
de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

DEDICATÓRIA

Este trabalho é dedicado aos meus pais e aos meus irmãos, que me ajudaram nessa caminhada, e que Deus realizou em minha vida. E a todos que de alguma forma contribuíram para o meu crescimento intelectual.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, pela oportunidade e pelo privilégio que tudo isso acontecesse, ao longo de minha vida, e não somente nestes anos como universitária. Mas em todos os momentos é o maior mestre que alguém pode conhecer, e por ter me dado paciência e fé para percorrer esta trajetória até concluir este curso.

Agradeço aos meus pais, pelo amor, incentivo e apoio incondicional, por terem me ajudado. A você mãe, minha heroína que me deu apoio, incentivo nas horas difíceis, de desânimo e cansaço, e a nunca desistir. Ao meu pai que apesar de todas as dificuldades me ajudou nesta caminhada, e para mim foi muito importante.

Aos meus irmãos Dineson e Welington, que nos momentos de minha ausência dedicados ao estudo superior, sempre fizeram entender que o futuro é feito a partir da constante dedicação no presente! Amo vocês meus irmãos! Obrigada, pelo carinho e pela compreensão.

Agradeço também a todo o corpo docente do Campus Universitário de Pontes e Lacerda, pela contribuição de conhecimento para a minha formação acadêmica, e pelo real valor do conhecimento, não somente para a realização profissional, mas para vida. A todos vocês muitíssimo obrigada pela compreensão e ajuda ao longo deste curso. Gostaria de agradecer em especial ao meu orientador Mayconn Sauder pela compreensão e paciência que demonstrou durante a orientação. Meus eternos agradecimentos e admiração.

Os meus sinceros agradecimentos aos meus amigos e amigas: Beatriz Palermo, companheira de estágio e amiga, que esteve presente nos momentos bons e ruins. A Jessika Souza uma super amiga, que sempre me ajudou nessa caminhada e pelos conselhos. Ao meu amigo Dieris

Henrique, mesmo que distante sempre esteve presente em minha vida. Obrigada pelas alegrias, tristezas e dores compartilhadas. Com vocês, minhas companheiras de trabalhos e irmãos na amizade, que fizeram e fazem parte da minha formação e que vão continuar presente em minha vida.

Também agradeço ao Moises Rodrigues, por toda paciência, compreensão, carinho e amor. Obrigada, pela ajuda nos momentos de dificuldade, pela generosidade, e pela força para não desistir dos meus sonhos.

O que eu tenho a dizer a todos vocês, que sem a ajuda, confiança e compreensão de todos, meus sonhos não teria se realizado.

MUITO OBRIGADA A TODOS.

Reconhecemos que o lcs. Não coincide com o reprimido; é ainda verdade que tudo o que é reprimido é lcs., mas nem tudo o que é lcs. é reprimido.

Dr. Sigmund Freud

RESUMO

Neste trabalho nos propomos apresentar uma abordagem, de estudos teóricos e críticos, através de uma pesquisa bibliográfica, sobre inconsciente e linguagem, formulada por Freud, Saussure e Benveniste, referentes à língua (*langue*) e à fala (*parole*). Em seguida faremos uma breve discussão, sobre a introdução a psicologia e a psicanálise, após descrever os atos falhos de linguagem, de leitura e de escrita, e tomamos como base os estudos de Sigmund Freud. A pesquisa bibliográfica é sobre o funcionamento do mecanismo da linguagem inconsciente, explorada a partir da menção de uma evidência empírica, onde se demonstra que o inconsciente também se exprime no tropeço linguístico. A partir dos pressupostos de Benveniste se discutirá o fato de que, num ato de fala, conforme as possibilidades previstas pela língua pode haver deslocamentos que se configuram como criação linguística, no sentido de apontarem para uma nova forma ou um novo significado a um signo linguístico já existente.

Palavras-Chave: Inconsciente, Linguagem, Saussure, Freud, Psicanálise e Linguística.

ABSTRACT

In this paper we propose to present an approach, theoretical and critical studies, through a literature search on unconscious and language, formulated by Freud, Saussure and Benveniste, referring to the language (langue) and speech (parole). Then we will make a brief discussion on the introduction of psychology and psychoanalysis, after describing the slips of language, reading and writing, and take as a basis the studies of Sigmund Freud. The literature is about the operation of the mechanism of the unconscious language, exploited over the mention of empirical evidence, which demonstrates that the unconscious is also expressed in the language stumbling. Then from Benveniste assumptions will discuss the fact that, in a speech act as the possibilities provided by the language can be displacements which are by their linguistic creation, to suggest a new way or a new meaning to a linguistic sign already existing.

Keywords: Unconscious, Language, Saussure, Freud, Psychoanalysis and Linguistics.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
-----------------	----

CAPÍTULO I

1 – INTRODUÇÃO A PSICOLOGIA E A PSICANÁLISE	12
---	----

CAPÍTULO II

2 – ATOS FALHOS: LAPSOS DA FALA, DE LEITURA E DE ESCRITA	20
2.1 - Atos Falhos.....	20
2.2 - Lapso de Fala	20
2.3 - Lapso de Leitura	23
2.4 – Lapso de Escrita.....	25

CAPÍTULO III

3 – INCONSCIENTE E LINGUAGEM.....	28
4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
5 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	44

INTRODUÇÃO

O trabalho desenvolvido trata-se de um estudo descritivo, realizado por meio de uma pesquisa bibliográfica, para apresentar uma abordagem de estudos teóricos e críticos, sobre inconsciente e linguagem, formulada por Freud e Saussure, e uma breve discussão, sobre os atos falhos com base nos estudos de Dr. Sigmund Freud (1901), *Psicopatologia da vida cotidiana*, *Conferências introdutórias sobre psicanálise (Partes I e II)* e outros colaboradores, referente a alguns aspectos, à língua e à fala.

A língua é um princípio de ordenação que vem da coletividade como herança, cabendo, assim, ser depositado no cérebro do falante, segundo afirma Saussure (2006) no *Curso de Linguística Geral*. Desse modo, a uma ordem própria da língua que impede a liberdade total da fala, pois não é qualquer combinação entre os elementos linguísticos que são aceitos pela língua, nos dizeres saussurianos.

O grau de parentesco entre a psicanálise e a linguística, ou seja, entre a linguagem e o inconsciente, será realizada uma verificação sobre o eixo de linguagem do inconsciente em Freud (1923), e para Ferdinand de Saussure (2006) e Émile Benveniste (1902). Nesta perspectiva, cada capítulo irá trazer uma discussão de conceitos tanto da linguagem quanto do inconsciente.

A Psicopatologia é o estudo dos estados psíquicos patológicos, ou seja, estudos de distúrbios mentais, que será discutida através da teoria de Freud, abordando algumas causas de lapsos da fala, da leitura e da escrita. A palavra empregada para definir LAPSOS é desvio ou erro, por isso segundo o dicionário online é: “Descuido, Falta, erro. Inadvertência que se comete ao falar¹ ou ao escrever²”.

¹ Lapso de fala ou lapso de linguagem é considerado como fenômenos linguísticos, isto é, são considerados como desvio ou erro não-intencional.

² Lapso de pena ou lapso de escrita é a troca de uma palavra por outra, e é a manifestação do inconsciente de uma pessoa.

Antes de iniciarmos a discussão sobre inconsciente e linguagem, iniciaremos com uma breve introdução sobre a psicologia e a psicanálise, em seguida descrever os conceitos dos lapsos da fala, de leitura e de escrita, e assim, o eixo norteador deste trabalho é inconsciente e linguagem.

Segundo Freud (1923), o consciente do ser humano é uma qualidade psíquica que pertence à consciência humana, já o inconsciente é a parte mais profunda da estrutura mental do sujeito, onde acontecem os processos psíquicos, isto é, os impulsos e os desejos, que acabam lhe escapando da consciência, é através desses acontecimentos que são censurados ou reprimidos na mente de cada pessoa.

CAPÍTULO I

1 - INTRODUÇÃO A PSICOLOGIA E A PSICANÁLISE

A palavra psicologia vem do grego *psyché*, que significa “alma”, e *logos* significa “razão”, ou seja, é o estudo da alma do ser humano, e a definição da palavra Psicologia no dicionário Houass, é a ciência que estuda os processos mentais ou comportamentais do ser humano, e suas implicações em certos ambientes como, o sentimento, o pensamento, as emoções, as sensações e a percepção que cada ser humano possui. Segundo Bock, “a ciência é uma atividade eminentemente reflexiva. Ela procura compreender, elucidar e alterar esse cotidiano, a partir de seu estudo sistemático.” (BOCK, 2001, p. 16). Nesse sentido a psicologia científica é uma atividade reflexiva na mente do ser humano, por isso, que a psicologia busca compreender, interpretar e modificar o cotidiano das pessoas através de estudos sistemáticos³, ou seja, o objeto de estudo da psicologia é o comportamento humano.

Assim, “no caso da Psicologia, esta ciência estuda “diversos homens” concebidos pelo conjunto social.” (BOCK, 2001, p. 22), sendo caracterizada por diversos objetos de estudos, e pode-se justificar por vários fenômenos psicológicos que não podem ser submissos e nem idênticos aos padrões ou princípios de descrição como, a proporção, a administração e a interpretação para definir o objeto de estudo da psicologia. E assim, existem diversas definições para o objeto de estudo da Psicologia, como o comportamento humano, o inconsciente, a consciência e etc., e desse modo que a psicologia contribui para o surgimento, ou seja, para o estudo da subjetividade.

Para o significado de subjetividade existem duas definições: a primeira é a característica, particular e íntima de uma pessoa; a segunda é o estado psíquico⁴ e intelectual⁵ de uma pessoa, ocorrendo algumas manifestações podem ser em um ambiente social

³ Estudo que se desenvolve de acordo com um método ou uma ordenação.

⁴ Está relacionado com o que ocorre no âmbito mental e comportamental de uma pessoa.

⁵ Pessoa que expressa um grande interesse pelas coisas relacionadas com a cultura, a literatura, a música, as artes etc.

(coletivo) ou em um ambiente particular (individual), e faz com que esse sujeito tome conhecimento dos objetos externos a partir de referenciais próprios.

Podemos dizer que a subjetividade “é a maneira de sentir, pensar, fantasiar, sonhar, amar e fazer de cada um.” (BOCK, 2001, p. 23). Conforme Bock, a subjetividade é o resumo diferente e individual de cada pessoa, que se cria conforme as pessoas vão se desenvolvendo e vivendo as experiências da vida social, e cultural que são adquiridas ao longo da vida. No capítulo intitulado “O aparelho formal da enunciação”, da obra *Problemas de lingüística geral II*, o estudioso Émile Benveniste, descreve o funcionamento e forma da língua como um conjunto de ideias, isto é, para explicar o conceito de língua. Desse modo, o aparelho formal da enunciação é uma espécie de regras (dispositivo), que as línguas têm para serem enunciadas, e esse aparelho é a marcação da subjetividade na estrutura da língua, por esse motivos são apresentados alguns aspectos linguísticos que são essenciais para o funcionamento da língua.

Segundo BENVENISTE, o locutor se torna o responsável pela enunciação do signo, por que o ato individual inclui em primeiro lugar o locutor, assim o homem se constitui como sujeito na e pela linguagem, dessa forma, percebemos que a língua fornece a estrutura linguística, e a estrutura formal, permitindo assim o funcionamento da subjetividade. A propriedade da subjetividade é determinada pela pessoa e pelo seu status linguístico, para Benveniste a subjetividade é percebida materialmente em um enunciado através da (dêixis⁶, verbo), essas duas palavras que a língua empresta ao indivíduo que quer enunciar.

A partir disso, Benveniste conceitua o que, para ele seria a enunciação “é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização”, ou seja, enunciar é usar a língua, para o locutor serve de instrumento, no momento de produzir o enunciado. (BENVENISTE, 1902-1976, p. 82). Ao terminar o capítulo, “O aparelho formal da enunciação”, da obra *Problemas de lingüística geral II*, o autor descreve que deveria ter estudado no contexto da enunciação, muitos outros desbravamentos, como as alterações lexicais que a enunciação determina, a fraseologia marca frequente, talvez da oralidade, etc. É Benveniste quem ressalta: “o que escreve se enuncia ao escrever e, no interior de sua escrita, ele faz os indivíduos se enunciarem.”. (BENVENISTE, 1902-1976, p. 86- 90).

⁶ É uma função indicativa própria de certas unidades linguísticas. Os demonstrativos (este, esse, aquele) são signos dêiticos porque não significam, apenas indicam, mostram.

(coletivo) ou em um ambiente particular (individual), e faz com que esse sujeito tome conhecimento dos objetos externos a partir de referenciais próprios.

Podemos dizer que a subjetividade “é a maneira de sentir, pensar, fantasiar, sonhar, amar e fazer de cada um.” (BOCK, 2001, p. 23). Conforme Bock, a subjetividade é o resumo diferente e individual de cada pessoa, que se cria conforme as pessoas vão se desenvolvendo e vivendo as experiências da vida social, e cultural que são adquiridas ao longo da vida. No capítulo intitulado “O aparelho formal da enunciação”, da obra *Problemas de lingüística geral II*, o estudioso Émile Benveniste, descreve o funcionamento e forma da língua como um conjunto de ideias, isto é, para explicar o conceito de língua. Desse modo, o aparelho formal da enunciação é uma espécie de regras (dispositivo), que as línguas têm para serem enunciadas, e esse aparelho é a marcação da subjetividade na estrutura da língua, por esse motivos são apresentados alguns aspectos linguísticos que são essenciais para o funcionamento da língua.

Segundo BENVENISTE, o locutor se torna o responsável pela enunciação do signo, por que o ato individual inclui em primeiro lugar o locutor, assim o homem se constitui como sujeito na e pela linguagem, dessa forma, percebemos que a língua fornece a estrutura linguística, e a estrutura formal, permitindo assim o funcionamento da subjetividade. A propriedade da subjetividade é determinada pela pessoa e pelo seu status linguístico, para Benveniste a subjetividade é percebida materialmente em um enunciado através da (dêixis⁶, verbo), essas duas palavras que a língua empresta ao indivíduo que quer enunciar.

A partir disso, Benveniste conceitua o que, para ele seria a enunciação “é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização”, ou seja, enunciar é usar a língua, para o locutor serve de instrumento, no momento de produzir o enunciado. (BENVENISTE, 1902-1976, p. 82). Ao terminar o capítulo, “O aparelho formal da enunciação”, da obra *Problemas de lingüística geral II*, o autor descreve que deveria ter estudado no contexto da enunciação, muitos outros desbravamentos, como as alterações lexicais que a enunciação determina, a fraseologia marca frequente, talvez da oralidade, etc. É Benveniste quem ressalta: “o que escreve se enuncia ao escrever e, no interior de sua escrita, ele faz os indivíduos se enunciarem.” (BENVENISTE, 1902-1976, p. 86- 90).

⁶ É uma função indicativa própria de certas unidades linguísticas. Os demonstrativos (este, esse, aquele) são signos dêiticos porque não significam, apenas indicam, mostram.

pessoa morria o seu corpo se decompõe⁷ (desaparecia), mas a alma permanecia livre para poder ocupar outro corpo.

E por fim o discípulo de Platão, Aristóteles “foi um dos mais importantes pensadores da história da filosofia”, pois argumentou que a alma e o corpo não podem ser separados, porque para ele “a *psyché* seria o princípio ativo da vida. Tudo aquilo que cresce se reproduz e se alimenta possui a sua *psyché* ou alma”.

No entanto, para ele todos os vegetais, os animais e o homem teriam alma, assim “os vegetais teriam a alma vegetativa”, que podem ser definido pela alimentação e reprodução, “os animais teriam essa alma”, mas a sua alma era sensível (sensitiva) e a sua função era a de detectar (percepção) e a de movimento, e o homem teria a sua alma racional e a sua função seria a de pensar, ou seja, um ser pensante. (BOCK, 2001, p. 32).

Depois no século XX, surgem três tendências mais importantes para a psicologia que é o Behaviorismo (Teoria S-R), a Gestalt e a Psicanálise, e descreveremos cada uma, a seguir:

1ª - O Behaviorismo nasceu com Watson, e se desenvolveu nos Estados Unidos, e a sua definição vem do inglês *behavior* que significa “comportamento”.

Podemos dizer que o Behaviorismo estuda o comportamento humano, e é um método de observação psicológica que tem por objeto o estudo das relações entre os estímulos e as respostas do sujeito, (o comportamento), para isso existem outras tendências teóricas como, “Comportamentalismo, Teoria Comportamental, Análise Experimental do Comportamento, e Análise do Comportamento.” (BOCK, 2001, p. 44).

2ª - A Gestalt surge na Europa como contradição da desunião das ações e processos humanos, para atender a necessidade de compreender o homem com sua completude. A palavra Gestalt é de origem alemã, mas não se encontra tradução, porque é um termo alemão, porém encontra-se algo próximo “em português seria **forma** ou **configuração**, que não é utilizado, por não corresponder exatamente ao seu real significado em Psicologia.” (BOCK, 2001, p. 58), ou seja, estuda a psicologia da forma.

⁷ Separar os elementos ou partes constitutivas de um corpo.

3ª – Freud criou a Psicanálise:

[...] na Áustria, a partir da prática médica, recupera para a Psicologia a importância da afetividade e postula o inconsciente como objeto de estudo, quebrando a tradição da Psicologia como ciência da consciência e da razão. (BOCK, 2001, p. 42).

Conforme Bock (2001), Freud criou a psicanálise com base nas experiências médicas em Viena (Áustria), a partir disso, foi reestabelecido para a psicologia a importância das emoções, e que descreve o inconsciente como objeto de estudo. Rompendo o princípio da Psicologia como ciência da consciência e da razão, e modificando assim, o modo de pensar sobre a vida psíquica⁸, porém, foi na metade do século XX.

Em seguida Freud se arriscou se posicionar sobre “suas regiões obscuras, isto é, as fantasias, os sonhos, os esquecimentos, a interioridade do homem, como problemas científicos.” (BOCK, 2001, p. 69). Através desse diagnóstico Freud criou a Psicanálise, e essa palavra foi utilizada para se referir a uma teoria que ele estava investigando.

No entanto, a Psicanálise é considerada como uma teoria da alma ou da psique, ou seja, é uma metodologia terapêutica, elaborada por Freud, que examina o teor inconsciente das palavras, atos ou concepções imaginativas de um ser. Por isso, Freud baseou-se nas relações livres, que tem por fim trazer à luz da consciência os sentimentos obscuros ou recalçados do homem:

Posso, no entanto, seguramente supor que sabem ser a psicanálise uma forma de executar o tratamento médico de pacientes neuróticos. E aqui já lhes posso dar um exemplo de como, nessa atividade, numerosas coisas se passam de forma diferente – e muitas vezes, realmente, de forma oposta – de como ocorrem em outros campos da prática médica. (FREUD, 1915-1916, p. 25).

Podemos perceber que na psicanálise um tratamento não acontece por um mero acaso de palavras entre um paciente e seu psicanalista, esse sim, é o momento em que o paciente fala de suas experiências passadas ou das suas impressões presentes em sua vida.

⁸ Está relacionado com a alma, com o espírito, com a mente ou com a psique.

Segundo Freud, descreve no trecho acima, nos mostra um exemplo de como é atividade exercida no tratamento médico de pacientes neuróticos, isto é, de como muitas coisas se passam de forma diferente ou de forma oposta em outras áreas da prática médica. Nesse sentido, conforme Lemaire, a transferência é considerada como, “um acontecimento localizável, uma manifestação sentimental de amor ou ódio do paciente em relação a seu analista.” (LEMAIRE, 1989, p. 273). Ou seja, a transferência é um movimento de divergências positivas e negativas, de suas manifestações entre paciente e o psicanalista. Assim, o paciente faz a retransmissão de seus sentimentos de amor e ódio, através de suas ações, desde o seu nascimento e de suas “influências experimentadas na infância, adquire um certo modo característico de conduzir sua vida amorosa, isto é, as condições que estabelece para o amor, os instintos que satisfaz então, os objetivos que se coloca.” (FREUD, 1911-1913, p. 102). Então, essa retransmissão do paciente é transposta para o analista, de como são os seus sentimentos, seus desejos, suas primeiras impressões afetivas, que,

Como “fato”, a transferência designa o transporte, para a pessoa do analista e à situação atual da análise, de um vivido anterior tornando inacessível. E como “processo”, a transferência designa o caminhar da análise, definitivamente idêntico ao “processo” da própria cura. (LEMAIRE, 1989, p. 273).

serão vivenciadas e sentidas atualmente, desse modo, podemos dizer que essa transferência é concretizada em nosso inconsciente, através de nossas realizações pessoais.

De certa forma, a psiquiatria estuda e faz tratamento de doenças mentais do ser humano, ou seja, irá descrever os distúrbios mentais de pacientes em clínicas médicas, porém os transtornos mentais ou, “Esses distúrbios mentais apenas são acessíveis à influência terapêutica quando podem ser reconhecidos como efeitos secundários daquilo que, de outro modo, constitui uma doença orgânica.” (FREUD, 1915 – 1916, p. 30). Dessa forma, esses processos mentais são considerados inconscientes, e que durante a sua vida mental foram apenas determinados, e as partes que eram isoladas são consideradas conscientes.

Existem três atividades conscientes do homem, que são diferentes do comportamento dos animais:

1º - os aspectos da atividade consciente do homem estão ligados às necessidades intelectuais (cognitivas) e “não está obrigatoriamente ligada a motivos biológicos”, (LURIA, 1991, p. 71). Essa atividade consciente do homem são necessidades intelectuais que podem motivar o homem a buscar novos conhecimentos, e de comunicar-se com outros indivíduos e com o meio social, até porque a maior parte de nossas posturas (atos), não é fundamentada em qualquer disposição (inclinações) ou a quaisquer necessidades biológicas.

2º - os aspectos da atividade consciente do homem são diferentes da dos animais, pois ele (homem) pode refletir sobre as condições do meio em que vivem, e ainda pode ir mais além do que o animal:

[...] ela não é forçosamente determinada por impressões evidentes, recebidas do meio, ou por vestígios da experiência individual imediata. Também [...] pode abstrair a impressão imediata, penetrar nas conexões e dependências profundas das coisas, conhecer a dependência causal dos acontecimentos e, após interpretá-los, tomar como orientação não impressões exteriores, porém leis mais profundas. (LURIA, 1991, p. 72).

Segundo Luria, o ser humano pode fazer uma análise mais complexa do meio em que vive, e não apenas ficar nas impressões externas, mas a de poder interpretá-las e tomar decisões individuais e coletivas, como por exemplo: uma pessoa sabendo que um determinado poço esta envenenado, em sua lógica não irá beber da água, “mesmo que esteja com sede, o seu comportamento não esta sendo orientado pela impressão imediata da água, mas por ter conhecimento” sobre a situação, e que ao beber a água pode lhe ocasionar a morte. Assim, o homem não pode ter como a orientação a impressão imediata, mas sim o conhecimento mais profundo da situação, por que o comportamento humano é fundamentado na observação (reconhecimento) das necessidades, são livres.

3º - os aspectos da atividade consciente do homem “difere da atividade consciente do comportamento animal”, exigindo assim as características transmitidas (hereditárias) e os resultados dos conhecimentos (experiências) individuais, e outros são os conhecimentos e as capacidades que o ser humano (sujeito) desenvolve através da percepção (assimilação) de conhecimentos, que são transmitidas por meio de processos de aprendizagem.

Conforme Luria⁹ é necessário explicar as formas mais incompreensíveis da vida consciente do homem, isto é, o comportamento do homem está fundamentado no conhecimento de suas necessidades, tornando assim, um ser que pensa, tem consciência e se movimenta através de um contexto social, cultural e histórico.

⁹ LURIA, Alexander Romanovich. **A Atividade Consciente do Homem e Suas Raízes Histórico-sociais**. In Curso de Psicologia Geral. Tradução de Paulo Bezerra. 2. Ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira. (V. 1: Introdução evolucionista à psicologia), 1991.

CAPÍTULO II

2 - ATOS FALHOS: LAPSOS DA FALA, DE LEITURA E DE ESCRITA

2.1 – Atos Falhos

Os atos falhos ou lapsos são erros cometidos ao escrever ou ao falar. Para Freud os erros mais simples têm um sentido encoberto (oculto), e que se mostra ao falar ou ao escrever, ou seja, pode ser chamado de lapso de memória, esses fenômenos foi uma das primeiras manifestações do homem que chamou a atenção de Freud, e o ato falho está relacionado ao inconsciente de cada indivíduo.

São essas as primeiras manifestações psíquicas dos seres humanos, e de seu próprio inconsciente, isto é, as manifestações comportamentais do homem têm algum significado, pois não lhe ocorrem ocasionalmente. Como por exemplo, se alguém esquecer um nome de algum objeto ou de uma pessoa, logo saberemos que outros nomes são lembrados, mas dificilmente lembrar-nos-emos dele, e assim, a maioria dos atos falhos ou lapsos é baseada no esquecimento, e todas as pessoas estão sujeitas a isso, mesmo que seja um desejo inconsciente irá se realizar de uma forma ou de outra.

Portanto, ato falho é um deslize ou um lapso na fala, na memória, ou no comportamento de um indivíduo, sendo estimulado pelo inconsciente, isto é, através do ato falho o desejo que está no inconsciente são realizados. Por isso, para o senso comum, os atos falhos são situações imprevistas que não têm importância alguma, ou seja, são consideradas como falta de atenção, cansaço no dia a dia.

2.2 – Lapso de Fala

Os lapsos da fala ou lapsos de linguagem são considerados como fenômenos linguísticos, que de certa forma não são esperados, isto é, são considerados como desvio ou

erro não-intencional. Todos os lapsos de língua “são acompanhados por determinados fenômenos emocionais menores, não de todo destituídos de interesse”, (FREUD, 1915-1916, p. 74), este lapso faz parte do processo da língua, porém, é onde o falante se estabelece como significado para seu entendimento. Assim, podemos dizer que Freud descreve alguns de seus interesses, para tentar descobrir as normas que regem os lapsos da fala. Por isso é necessário ter regras, para compreender um “certo mecanismo mental em que os sons de uma palavra, de uma frase e também das palavras [inteiras] entre si acham-se ligados e entrelaçados de maneira muito peculiar.” (pág. 10). (FREUD, 1901, p. 67). Então, Meringer explica que existem vários tipos de lapsos de fala, presume que os sons da língua (que são os fonemas) têm diferentes atribuições psíquicas. Como por exemplo, um diretor de uma escola que diz o seguinte: *Die Frau würde mir Furcht einlagen*. (FREUD, 1901, p. 71). A tradução alemã quer dizer (A mulher me daria depósitos medo.).

Na verdade o diretor disse “*einlagen*”¹⁰ em vez de “*einjagen*”¹¹. Conforme, Freud esses lapsos de linguagem ocorre por que são semelhantes os mecanismos, ou que pode ser considerados como lapsos de perturbação ao esquecer o nome de algo ou de alguma coisa, mas que não consegue lembrar. Porém, é muito evidente que no início sem ter a intenção de dizê-la, mas que estaria na mente do falante essa informação, porém, de forma inconsciente, pois acaba falando outra palavra ao invés na que estaria pensando.

Quando “procurarmos um nome esquecido, somos forçados, com relativa frequência, a expressar a convicção de que ele começa por determinada letra.” (FREUD, 1901, p. 68). A ocorrência desses lapsos são questões de significado (semântica), artificial (sintático), fonético e entre outros, e pode ser uma substituída por outra palavra.

Contudo, a fala do diretor foi um ato falho, sendo uma representação mental que permanece reservada em seu consciente, por esse motivo o lapso de fala é revelado pelo diretor, e então, é considerado como falhas da fala. Como por exemplo, o autor Meringer afirma que existe semelhança entre uma palavra de uma frase, que tem a intenção de dizer, e a outra palavra que não tem a intenção de ser dita.

¹⁰ *Einlagen*: é uma palavra alemã e a tradução é “palmilhas”. E em português “palmilhas” significa forro interior da sola do calçado, no qual se assenta o pé.

¹¹ *Einjagen*: é uma palavra alemã e a sua tradução é “susto”. E em português “susto” significa um abalo emocional provocado por notícias ruins ou algo inesperado.

Por esse motivo, para alguns descritores “Meringer e Mayer” descreve que “os lapsos de língua mais comuns ocorrem quando, em vez de dizermos uma palavra, dizemos uma outra muito semelhante; e essa semelhança é, para muitos, explicação suficiente de tais lapsos.”. (FREUD, 1915-1916, p. 43). Então, é à nossa consciência que faz uma mistura de palavras e acaba distorcendo o que iria falar ou dizer: *jagen*¹², mas disse *lagen*¹³, *dauert*¹⁴ e disse *taurig*¹⁵. Os autores Meringer e Mayer, diz que a alteração da fala surge, seja ela, por influência antecipada ou por alteração de sons e palavras, sendo ela da mesma frase.

Nas palavras de Freud, segundo Wundt, ele chama o lapso da fala como “efeito de contato dos sons”, por que esse efeito ou lapso da fala surge de uma influência antecipada de algo externo ao ser pronunciado o que se pretendia, como se:

[...] o elemento perturbador é um pensamento singular que permaneceu inconsciente, que se manifesta no lapso da fala e com frequência só pode ser trazido à consciência através de uma análise detalhada, ou então é um motivo psíquico mais geral que se volta contra o enunciado inteiro. (FREUD, 1901, p. 74)

No entanto, as perturbações mais obscenas da fala são as mais inconsistentes, e são consideradas ou pode ser classificadas como “lapsos da fala”, porém Freud diz que esse lapso não é uma influência de “efeito de contato dos sons” que Wundt descreve acima. Pois a finalidade desse efeito de contato dos sons, não é exercida na influência de pensamento, por que foi dito intencionalmente e é por esse motivo, que se tem uma explicação para esse equívoco que ocorre no lapso da fala:

[...] A perturbação da fala que se manifesta no lapso pode ser causada, em primeiro lugar, pela influência de outro componente do mesmo dito - isto é, por uma antecipação ou uma perseveração do som -, ou por outra formulação das idéias contidas na frase ou no contexto que se tenciona enunciar. (FREUD, 1901, p. 69)

¹² *Jagen*: é uma palavra alemã que significa *perseguição*.

¹³ *Lagen*: é uma palavra alemã que significa *mentindo*.

¹⁴ *Dauert*: é uma palavra alemã que significa *leva*.

¹⁵ *Taurig*: é uma palavra alemã que significa *triste*.

Portanto, o elemento perturbador de um falante, é o pensamento e essas perturbações não são descritas como lapsos da fala. E essas perturbações não afetam somente as palavras isoladas, mas sim o enunciado de uma frase, “Mesmo quando ficam abaixo do limiar da consciência, [...], é fácil serem acionadas por alguma semelhança com o complexo a ser falado, provocando então um desvio na sequência de palavras, ou cruzando essa sequência.” (FREUD, 1901, p. 70). Assim, a semelhança dessa problemática (complexo) a ser falado pode determinar um desencaminhamento (desvio), quando uma palavra similar está posteriormente no princípio ou no limiar da consciência, sem que ela fosse determinada a ser pronunciada, isto é, são aquelas “em que se diz justamente o oposto do que se pretendia dizer”, no entanto, isso ocorre normalmente nas substituições de palavras.

Consequentemente, estão abaixo do limiar da consciência sem ao menos ter a intenção de dizê-las, mesmo que uma pessoa peça uma informação, isso sim estaria na mente (consciente) do falante. Então, os mesmos erros ou equívocos que são encontrados no lapso da fala, também são encontrados no lapso de leitura e no lapso de escrita. No entanto, os lapsos de linguagem ocorrem com mais facilidade quando estamos cansados, por que “realmente acontecem com especial frequência quando se está cansado, quando se tem dor de cabeça ou quando se está ameaçado de enxaqueca.” (FREUD, 1915-1916, p. 38). Desse modo, Freud estudou esses sucintos erros, que são considerados como atos falhos, e que acontece normalmente e com mais facilidade, quando estamos cansados ou quando estamos com dor de cabeça, e que diariamente trocamos as palavras e cometemos essas falhas no nosso cotidiano, ou seja, os lapsos de linguagem são plenamente notáveis (visíveis).

2.3 – Lapso de Leitura

Assim, o lapso de leitura ou ato falho do leitor indica algo sobre seu desejo, isto é, da sua relatividade de querer ler correto, mas, por esse motivo o falante acaba lendo outra coisa, sendo que “o lapso de leitura consiste em uma substituição completa”, assim uma palavra é substituída por outra que deveria ser lida, “sem haver qualquer conexão de conteúdo entre o texto e o produto do lapso de leitura”. (FREUD, 1915-1916, p. 76). Dessa forma alcança o que está no seu inconsciente. Uma das ocorrências de lapso de leitura, encontramos na obra *Psicopatologia da Vida Cotidiana*, de Freud. No exemplo 8 (FREUD, 1901, p. 120), é

descrito o seguinte:

Em *Witzige und Satirische Einfälle*, de Lichtenberg [1853], há um comentário que sem dúvida provém da observação e contém quase que a teoria completa dos lapsos de leitura: “Ele tanto lera Homero que sempre lia ‘Agamemnon’ onde constava ‘angenommen [suposto]’.” (FREUD, 1901, p. 120).

Segundo o autor, essa ocorrência de capacidade do leitor tem em alterar a leitura, e inserir no texto, corresponde às expectativas do leitor. Sendo assim, o lapso de leitura irá proporcionar alguma semelhança na imagem da palavra no texto através da leitura, ou seja, o leitor associa à palavra a imagem e fornecendo assim essa modificação, e que o leitor possa dar o sentido que ele quer. Podemos dizer que “se percebe que nem sempre é fácil explicar ocorrência como esse equívoco na leitura”, contudo, algo que pode influenciar na leitura do leitor é “a profissão ou a situação atual do leitor determinam o resultado de seu lapso de leitura.” (FREUD, 1901, p. 68, 118). Desse modo, dizemos que é propício o texto contribuir ao lapso de leitura algum aspecto na imagem da palavra, em que o leitor possa alterar e dar o sentido que quiser.

[...] Tudo aquilo que nos interessa e nos preocupa se põe no lugar do que é estranho e ainda destituído de interesse. Imagens residuais de pensamentos [anteriores] perturbam novas percepções. [...] O que devíamos ler era alguma coisa de indesejado, e a análise nos convencerá de que um intenso desejo de rejeitar o que estávamos lendo deve ter sido responsável por sua alteração. (FREUD, 1915-1916, p. 77).

Entretanto, aquilo que nos interessa e nos preocupa tornam latente em nossa mente, e nos incomodam com as novas capacidades de assimilar as palavras, através dos sentidos de nossa consciência. E assim, Freud estudou esses sucintos erros, que são considerados como atos falhos, que diariamente trocamos as palavras e que cometemos no nosso cotidiano. Portanto, o lapso de leitura ou ato falho do leitor indica algo sobre seu desejo, isto é, o fato do leitor querer ler correto, por esse motivo o falante acaba lendo outra coisa, e então, alcança o que está no seu inconsciente.

2.4 – Lapso de Escrita

Conforme Freud, o lapso de escrita é a troca de uma palavra por outra, isso ocorre de forma oral e também na escrita, através de influências como de palavra, frase ou de contexto, então, dizemos que o lapso de escrita é a manifestação do inconsciente de uma pessoa. Os lapsos de escritas são “extremamente comuns, contrações e antecipações de palavras que deveriam vir depois” e se tornam “um desprazer geral de escrever e impaciência por ver o trabalho terminado”. (FREUD, 1915-1916, p. 75). Podemos verificar a ocorrência de lapso de escrita, na obra *Psicopatologia da Vida Cotidiana*, de Freud (1901), no exemplo 7 (p. 129), um americano que morava na Europa, deixou a sua mulher quando havia discutido com ela, e depois achou que poderia se aproximar dela, e pediu que se encontrasse com ele em uma data marcada. Na carta ele escreveu o seguinte: “Seria esplêndido”, escreveu ele, “que, como eu, você pudesse vir no *Mauretania*¹⁶.” (FREUD, 1901, p. 129).

Porém, o americano não quis enviar a carta onde estava escrito essa frase, pois não queria que ela visse a correção que ele havia feito no nome do navio, na verdade ele queria ter escrito era “*Lusitania*¹⁷” e não “*Mauretania*”.

Por esse motivo o americano cometeu o lapso de escrita que, “antes da guerra, sua mulher visitara a Europa pela primeira vez por ocasião da morte de sua única irmã. Se não me engano, o *Mauretania* é a nave-irmã sobrevivente do *Lusitania*, afundado durante a guerra.” (FREUD, 1901, p. 129). A ocorrência desse lapso tem uma definição clara do que o americano quis dizer, portanto cometeu o lapso de escrita, e “Esse lapso de escrita não requer explicação, interpreta-se com perfeita clareza.” (FREUD, 1901, p. 129).

Na obra *Psicopatologia da Vida Cotidiana*, no exemplo 14 (FREUD, 1901, p. 129), Ernest Jones [1911b, 499] descreve o lapso de escrita que foi lhe entregue por A. A. Brill. Um determinado paciente enviou ao Dr. Brill um texto, onde relatava o seu nervosismo, as suas preocupações e inquietações com seus negócios, onde ocorreu uma crise de colheita de algodão: “Todos os meus problemas se devem a essa maldita onda de frio [frigid wife]; não existem nem mesmo sementes.”. (FREUD, 1901, p. 133).

¹⁶ *Mauretania*: é um transatlântico britânico construído pela Hohn Brown & Company em Tunc and Wear, ou seja, é uma nave-irmã do *Lusitania*.

¹⁷ *Lusitania*: é um navio da **Cunard Line** - é uma companhia de navegação britânica, operadora de transatlânticos.

Assim, podemos dizer que o paciente quis dizer “wave¹⁸”, que se refere a uma onda, ou uma tendência do mercado financeiro, porém, escreveu “wife¹⁹”, que quer dizer “mulher fria” e não “onda de frio”. Provavelmente ele estava pensando em sua mulher quando estava escrevendo, pois havia algo contra a sua mulher por ter tanta frieza na vida conjugal e por não ter filhos.

Portanto, dizemos que o lapso de escrita é a materialidade do inconsciente de uma pessoa, e que todos os casos citados acima são encontrados nos atos falhos e nos momentos de atos mais casuais, que “os fenômenos podem ser rastreados a um material psíquico incompletamente suprimido, o qual, apesar de repellido pela consciência, ainda assim não foi despojado de toda a sua capacidade de se expressar.” (FREUD, 1901, p. 179).

No entanto, os fenômenos descritos por Freud, podem ser monitorados psicologicamente e rapidamente excluídos, isto é, são rejeitados pelo pensamento (a consciência), porém, ainda não foi omitido de todo o seu conhecimento ou capacidade de poder se explicar, e assim, podemos considerar esses fenômenos como simples acaso do cotidiano das pessoas.

E assim, Freud afirmou na obra, *Psicopatologia da vida cotidiana*, que:

Trata-se dos casos em que o nome não só é *esquecido*, como também *erroneamente lembrado*. Em nosso afã de recuperar o nome perdido, outros - *nomes substitutos* - nos vêm à consciência; reconhecemos de imediato que são incorretos, mas eles insistem em retornar e se impõem com grande persistência. (FREUD, 1901, p. 19)

Conforme o autor, o ato falho é uma manifestação do inconsciente de uma pessoa que esta reprimida, e que através desse ato falho surge-lhe no consciente, que se torna realidade, ou seja, são materializados.

Portanto, os nomes não são somente esquecidos, mas também que estão ausentes da memória do sujeito, dessa forma, torna difícil e exausto de reestabelecer o nome esquecido ou desaparecido de nossa memória, e que surge em nossa consciência outros nomes e simplesmente são substituídos. Então, Freud descreve que, esse processo precisaria trazer a descrição (a reprodução) do nome esquecido, ou foi substituído incorretamente por outro, e a suposição que Freud nos relata, é que essa transferência (ou mudança), não está aplicada a

¹⁸ *Wave*: é uma palavra inglesa que significa *onda*.

¹⁹ *Wife*: é uma palavra inglesa que significa *esposa*.

uma definição psíquica desnecessária, “mas segue vias previsíveis que obedecem as leis”. Ou seja, Freud “suspeita que o nome ou os nomes substituídos ligam-se de maneira averiguável com o nome perdido”. (FREUD, 1901, p. 19-20).

CAPÍTULO III

3 - INCONSCIENTE E LINGUAGEM

Saussure efetua, em sua teorização, uma separação entre língua e fala. Para ele, a língua é um sistema de valores que se opõem uns aos outros, que está armazenado como produto social na mente de cada falante de uma comunidade. A língua é diferente da fala que é um ato individual e está sujeito a fatores externos, está sujeita as mudanças: “A língua, ao contrário, é um todo por si e um princípio de classificação. Desde que lhe demos o primeiro lugar entre os fatos da linguagem, introduzimos uma ordem natural num conjunto que não se presta a nenhuma outra classificação”. (SAUSSURE, 2006; p. 17). Aqui a língua para Saussure tem várias unidades, assim fazendo a classificação destes, que ela é completa, portanto, a língua só se armazena o que é convencional, porém, se não a conhecemos não se armazena.

A língua é o conjunto de falantes, pois ela é coletiva e não individual. Entretanto, tudo o que é falado por todos constitui na língua, por isso que Saussure é estruturalista, para ele a língua são partes, que somados constitui a fala e para esta existir é preciso ter a convenção dos signos. Já Benveniste é considerado o pai dos estudos enunciativos, ao incorporar a noção de subjetividade nos estudos linguísticos: “È na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito; por que só a linguagem fundamenta na realidade, a sua realidade que é a do ser, o conceito de “ego”.” (BENVENISTE, 1902: p. 286). Segundo o autor, é a língua que fornece a estrutura linguística, e a estrutura formal, é quem permite o funcionamento da subjetividade. A propriedade da subjetividade é determinada pela pessoa e pelo seu status linguístico, para Benveniste a subjetividade é percebida materialmente em um enunciado através da (dêixis, verbo), essas duas palavras que a língua empresta ao indivíduo que quer enunciar.

A partir disso, Benveniste conceitua o que, para ele seria a enunciação “é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização”, ou seja, enunciar é usar a língua, e para o locutor serve de instrumento, no momento de produzir o enunciado. Enunciar seria uma forma única da atualidade individual da língua, ela é responsável por

estabelecer um pensamento diferenciado acerca da linguagem. Assim, enunciar é transformar individualmente a língua em discurso, por que antes da enunciação, a língua não é se não possibilidade de língua, e depois da enunciação, a língua é efetuada em uma eficácia de discurso. Para Saussure a língua:

A língua não constitui, pois, uma função do falante: é o produto que o indivíduo registra passivamente; não supõe jamais premeditação, e a reflexão nela intervém somente para a atividade de classificação, (...). A fala é, ao contrário, um ato individual de vontade e inteligência,... (SAUSSURE, 2006: p. 22)

Segundo Saussure, a língua é um sistema de signos, que nos é convencionado, e esta pode ser concretizada através da fala, (dos falantes), mas também a língua é exterior à fala, por que existe por si só, e pode ser estudada separadamente. Se a língua é um produto social, a fala pode ser definida como uma organização individual da linguagem é um ato de vontade e de inteligência humana. A fala em Saussure é um fenômeno físico e concreto que pode ser analisada, com a ajuda do ouvido humano, ou seja, a fala é individual de cada pessoa, pois possui sua própria vontade e inteligência. No entanto, é através da fala que cada um pode expressar seus pensamentos e sentimento, então, desse modo à fala é necessária, enquanto a língua é essencial para todos, porém, para Saussure toda palavra que possui um sentido é considerada um signo linguístico.

Exemplo, *vaso* é um signo linguístico. Quando observamos o signo “*vaso*” percebemos que ele é a união de som, conceito e escrita, isto é, significado e significante. A língua só é possível através da comunicação, quando nós ouvimos uma sequência de sons, ou até vemos uma representação gráfica por meio de letras, vem a nossa cabeça o conceito: Signo. Por esse motivo que Saussure, dá esse nome de signo, por que é a combinação de um significado, é um conceito mental, com uma sequência de um material de sons ou de símbolos gráficos que os representa, que é chamado de significante, que:

Enquanto sistema de códigos que designam os objetos, suas ações, qualidades ou relações e serve de meio de transmissão de informação, a linguagem teve importância decisiva para a posterior reorganização da atividade consciente do homem. E assim, [...] a linguagem é o fator fundamental da formação da consciência. (LURIA, 1991, p. 80).

Segundo a autora, o sistema de códigos constitui as ações, os objetos, as qualidades que nos são transmitidas através de informações, que a linguagem nos proporciona na reestruturação da atividade consciente do homem. Já Freud diz que, a linguagem é um sistema de códigos que designam os objetos do mundo exterior como, as ações, as qualidades e etc., e que a língua surgiu “como um sistema de códigos independentes”, ou seja, que não depende da atividade consciente do homem. Enquanto esses autores especificam o sistema como código, Garcia-Roza nos relata que o aparelho psíquico é formado por sistemas, esse sistemas são especificados como:

O aparelho psíquico é, portanto, formado por *sistemas* cujas posições relativas se mantêm constantes de modo a permitirem um fluxo orientado num determinado sentido. O que importa não são, pois, os lugares ocupados por esses sistemas, mas a posição relativa que cada um mantém com os demais. (GARCIA-ROZA, 2009, p. 78)

Isto é, as posições são referentes e se apoia pertinentemente em uma corrente orientada por um determinado sentido, e assim os lugares que são ocupados pelos sistemas não são considerados importantes, mas sim as posições em que cada um deles se mantém com os outros. Segundo Garcia-Roza, o Inconsciente só pode se ter acesso à consciência através de uma passagem de conteúdos no sistema do Pré-Consciente, que são submetidos ao Consciente, como: “Qualquer que seja o conteúdo do Ics, ele só poderá ser conhecido se transcrito — e, portanto modificado e distorcido — pela sintaxe do Pcs/Cs.” (GARCIA-ROZA, 2009, p. 81). Ou seja, as informações que se tornaram inconscientes não foram apagadas e nem foram escondidas, mas permanecem no inconsciente até se tornarem consciente. Por isso, a linguagem é um condutor indispensável para a comunicação de informação, que foi criada na sucessão dos acontecimentos social da humanidade, sendo ela, uma das origens de desenvolvimento (evolução) dos procedimentos psíquicos, em que há ênfase no âmbito psicológico ou mental do comportamento, e dos interesses individuais dos seres humanos. Assim, podemos pensar que o signo é a representação material de (significante) + conceito mental de (significado), ou seja, o signo linguístico não une uma coisa e um nome, mas une um conceito e uma imagem acústica, isto é, a representação da imagem com a fala.

É claro, que um mesmo significante pode nos dar vários significados ou sentido.

Em algum momento esses significados deverão ser associados a objetos do mundo, que são imagens ou representações. Sendo ela uma imagem acústica, que não é apenas um som material, mas de uma impressão psíquica desse som ou de uma representação que nossos sentidos nos dão dessa imagem ou som. O conceito de uma imagem divide-se em significação e o valor do signo, a significação é uma representação mental evocada pela imagem auditiva das palavras, sendo ela considerada fechada, mas existente por si própria, e o valor do signo, se constituem através de um componente da significação, e constituindo assim a língua como um sistema que partilha com os sistemas linguísticos da língua. Ou seja, existem diferentes sons mesclados com diversas ideias, que acaba se aproximando dos sistemas de valores, é esse sistema que se estabelece entre os elementos que representam os sons da fala (fônicos) e psíquicos sendo eles o centro de cada signo.

Nesse sentido Freud descreve que a:

[...] linguagem permite ao homem *assimilar essa experiência* e por meio dela dominar um ciclo imensurável de conhecimentos, habilidades e modos de comportamentos, que em hipótese alguma poderia ser resultado da atividade independente de um indivíduo isolado. (FREUD, 1923, p. 81)

A linguagem é realmente um meio muito importante para o desenvolvimento da consciência humana, e que os processos de percepção do mundo exterior cria novas leis para essa percepção. Para Freud, o consciente é um nível mais elevado do âmbito mental sobre o qual um indivíduo tem consciência, ou seja, é uma pequena parte da mente, em que estamos cientes a todo o momento. Conforme Lacan, o “inconsciente é estruturado como linguagem”, e essas linguagens são apenas autoritárias em suas proporções, mas inconsciente em sua sustentação (estrutura). E assim, estabelecendo uma relação abrangente entre as diversas relações do inconsciente e a linguagem, através da qual elas se manifestam. Nas palavras de Garcia o inconsciente se “manifesta sempre como o que vacila num corte do sujeito”, e ainda se refere que “não é senão esse instante, no qual se mostra como “a soma dos efeitos da fala, sobre um sujeito, nesse nível em que o sujeito se constitui pelos efeitos do significante”.”. (GARCIA, 1994, p. 118) Já para a autora Luria, a segunda possibilidade que leva a estrutura (formação) da atividade consciente do homem é a linguagem. Sendo que a característica do signo é de poder representar as coisas ou objetos, mas para algo ser um signo, primeiro esse algo deve representar outra coisa, além dos objetos. Além disso, os signos são ligados ao

sistema psíquico, associando assim ao nosso cérebro através de um conceito e uma imagem acústica. Esse significado nos permite a formação da imagem na mente de um indivíduo, quando ele entra em contato com o significante.

Então, a linguagem existe por um procedimento de criação pelos falantes, por isso se mantém pela força dos sujeitos que a produz e que está relacionada ao inconsciente. São por meio de possibilidades, que somos capazes de definir o universo e a natureza, estes tem subsistência inexplicável (enigmática) e paradoxal, dessa forma Freud descreve que no inconsciente, tudo é plausível, não existindo contraposição (combinação), ou seja, não existe diferença entre verdadeiro e falso. O nosso inconsciente armazena aquilo que consideramos excluídos de nossa mente, e surgindo às ocorrências no consciente como os atos falhos, os chistes, os sonhos e os sintomas. É por isso, que no inconsciente estão as expressões que consideramos excluídos, pois não nos permite ter acesso à consciência, e que às vezes são excluídos, censurados e reprimidos de nossa memória, e de certa forma o pensamento afeta a consciência do indivíduo, mesmo que seja indiretamente. Em nosso inconsciente estão as nossas personalidades, o começo de nosso pensamento e os nossos impulsos dos fenômenos mentais dos seres humanos.

Entretanto, é na linguagem que os indivíduos se descobrem nas definições ou nas significações, mesmo elas sendo inconsistente e com características que possam se assemelhar ao sujeito (homem), através ou por meio da intervenção metafórica da linguagem, só assim então, irá delinear (modelar) de explicações, isto é, de sentido a realidade do sujeito. Freud explica que, as ideias permanecem em nossa mente por causa de uma força oposta, em que ele denomina como resistência, porém, o estado em que se encontram essas ideias antes de se tornarem conscientes é chamado de recalque, sendo assim, e a partir daí que Freud tem o conceito de inconsciente, e a linguagem serve não só para expressar os próprios pensamentos, mas também para comunicar - se com outras pessoas.

Desse modo, as palavras são unidas em frases "são os principais meios de comunicação mediante os quais o homem conserva e transmite informação e assimila a experiência acumulada por gerações inteiras de outras pessoas.". (LURIA, 1991, p. 78). Conforme a autora, esses princípios de comunicação (a linguagem) possibilita ao indivíduo identificar esses conhecimentos através de gerações passadas, e é por meio dela que em uma determinada época ilimitada de conhecimentos, capacidade e modos de comportamentos que poderiam ser a conclusão de uma atividade autônoma (independente) particularmente do

homem, então, "a linguagem é realmente o meio mais importante de desenvolvimento da consciência" humana. Por esse fator, Saussure solicita ao signo um aspecto psicológico, que são os processos mentais ou comportamentais do ser humano, para ele o signo linguístico não prende exclusivamente aos vínculos de uma palavra a uma coisa, mas sim a um conceito, isto é, a capacidade intelectual e cognitiva do ser humano, a uma imagem acústica.

Nas palavras de Freud, uma pessoa em certa idade com 40 anos que apresenta tique, Freud descreve como ligação falsa de uso comum entre neuróticos, porém, quando esse sintoma fica explícito no consciente destes pacientes, dando a sensação de estarem em plena consciência de seus atos. Nesse caso, o que está reprimido é para nós o inconsciente, que se divide em dois termos, o primeiro é o inconsciente latente, que se torna capaz de ser consciente, que também podemos chamar de pré-consciente e o segundo é o inconsciente reprimido, que não é capaz de se tornar consciente para nós. Conforme Freud, "Reconhecemos que o Ics. Não coincide com o reprimido; é ainda verdade que tudo o que é reprimido é Ics., mas nem tudo o que é Ics. é reprimido". (FREUD, 1923, p. 30). Aquilo que está recalcado ou reprimido é oculto no pré-consciente, e por isso está prestes a ser revelado a qualquer momento, e ainda existem aqueles desejos que são tão escondidos, ou seja, aqueles que estão ocultos em nossa mente, e que ainda não foram liberados tão facilmente de nosso inconsciente.

Segundo Freud (1923), faz uma discussão ou trata-se de uma lembrança, mas não sendo de uma lembrança qualquer, e sim daquela que lhe causou uma desagradável experiência emocional de tal intensidade, que deixa uma marca duradoura na mente do indivíduo considerado como (trauma psicológico), por esse motivo, essa lembrança torna-se uma manifestação perturbadora ou histérica, e formando assim na mente do sujeito uma lembrança do inconsciente. Através de suas experiências clínicas, Freud nos explica que os fenômenos psíquicos não se limitam ao consciente, por que certas capacidades só são permitidas a consciência, após serem solucionadas algumas resistências do consciente, e que esse consciente revela a nossa vida psíquica, sendo ela cheia de pensamentos inconscientemente, de onde começaram esses sintomas.

No entanto, a linguagem é modificada para construir uma nova como, na passagem da *Interpretação dos sonhos*²⁰ que Freud descreve, “As formações de palavras no sonho se assemelham muito às formações de palavras na paranóia; encontram-se, entretanto, análogos na histeria e nas obsessões. As crianças tratam, às vezes, as palavras como objetos”. (FREUD, 1988, p. 262). Desse modo Freud, diz que o inconsciente torna-se próximo ao que a consciência já não tem acesso, mas que são revelados através de sonhos, dos lapsos de linguagem, dos atos falhos etc. Vale lembrar que é a parte mais profunda da estrutura mental humana, em que se dão processos psíquicos, impulsos e desejos, que lhe escapam à consciência, porque estão censurados ou reprimidos. O inconsciente pode encerrar impulsos e desejos que nunca foram conscientes, isto é, nunca foram percebidos pela pessoa, ou então, tendo chegado ao nível consciente em algum momento, a partir daí foram censurados e voltaram ao inconsciente. Do conflito entre esses impulsos e a repressão que a consciência exerce sobre eles é que nascem as neuroses e as psicoses.

No entanto, o inconsciente é previsto como uma extremidade que não nos possibilita ao meio de acesso entre significante e sentido, isso nos faz lembrar-se de Saussure que:

A língua é também comparável a uma folha de papel: o pensamento é o anverso e o som o verso; não se pode cortar um sem cortar, ao mesmo tempo, o outro; assim tampouco, na língua, se poderia isolar o som do pensamento, ou o pensamento do som. (SAUSSURE, 2006, p. 131).

O autor descreve que há muitas maneiras de se estudar a linguagem: concentrando nossa atenção na língua enquanto sistemas de signos ou como sistema de regras formais, ou nas normas de bem-dizer. Na análise do discurso se compreende a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história, através desses estudos vemos a capacidade do homem de poder significar-se e significar. A análise do discurso compreende a linguagem como intervenção ou elo entre o homem e realidade social, pode-se dizer que essa intervenção, que o discurso nos possibilita e nos dá a subsequência, a continuidade, a transferência e a transformação da realidade do indivíduo.

²⁰ FREUD, Dr. Sigmund. *A interpretação dos sonhos* (1900). In: Obras Completas. Vol IV. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

Sempre observando a historicidade humana, considerando os processos e as condições de produção da linguagem, analisando a relação da língua com os sujeitos e as situações em que se fala.

Na *Psicopatologia da Vida Cotidiana*, de 1901, Freud descreve que, “finalmente compreendi uma coisinha de que suspeitava há muito tempo, o modo como um nome às vezes nos escapa e em seu lugar nos ocorre um substituto completamente errado”. (FREUD, 1987, p. 15). Em sua obra sobre a *Psicopatologia da vida cotidiana*, Freud nos relata do esquecimento de nomes próprios, que também é o título do primeiro capítulo dessa obra. Nesse capítulo Freud explica que as frequências do esquecimento temporário de nomes próprios, acontecem através da ansiedade de tentar lembrar o nome esquecido, mas outros nomes lhes vêm à consciência, ou seja, a mente. No entanto, o inconsciente não define uma realidade psíquica, pois não é atribuído em virtude da consciência, e sendo um lugar psicológico do ser humano, onde podemos fazer as nossas conexões se realizar.

Freud, através de sua experiência clínica diz que o psiquismo não se reduz ao consciente e que certos conteúdos só são possíveis à consciência após serem superadas certas resistências. Revelou que a vida psíquica é povoada de pensamentos eficientes embora inconscientes, de onde se originavam os sintomas. Freud localiza o inconsciente não como um lugar anatômico, mas um lugar psíquico, com conteúdos, mecanismos e uma energia específica. O inconsciente faz parte da Primeira Tópica do Aparelho Psíquico construída por Freud a partir da *Traumdeutung*²¹, publicada em 1900. Em muitos textos freudianos o inconsciente é assimilado ao recalcado, porém, reserva-se um lugar para conteúdos inatos, filogenéticos, que constituem o núcleo do inconsciente. Os conteúdos do inconsciente são os representantes da pulsão que estão fixados em fantasias, sonhos, histórias imaginárias, concebidas como manifestações do desejo, que é um dos pólos do conflito defensivo.

Assim, segundo Garcia-Roza, “Os desejos provenientes do sistema inconsciente encontram-se em permanente disposição para uma expressão consciente, no que são impedidos pela censura.”. (GARCIA-ROZA, 2009, p. 85). Ou seja, o desejo do inconsciente transmite as suas vibrações, para os estímulos dos impulsos do consciente, que apenas

²¹ É uma obra de FREUD, Dr. Sigmund. **A Interpretação dos Sonhos (1900)**. (Primeira Parte), Volume IV, 1987.

funciona como um indicador original de seus desejos. Assim, podemos dizer que, os desejos são realizados através dos sonhos que:

[...] um desejo inconsciente, tendo efetuado uma transferência para os resíduos diurnos, abandona o Ics e penetra no Pcs/Cs, seguindo um sentido progressivo em direção à consciência. Esse avanço é, no entanto, detido pelo sono do Pcs/Cs, que impede sua expressão consciente. (GARCIA-ROZA, 2009, p. 85)

No entanto, o autor nos descreve que os desejos de nosso inconsciente são transferidos para os sonhos, e por ser assim são abandonados pelo inconsciente, e começam a entrar no pré-consciente e no consciente, e então, fazendo um percurso até chegar à consciência do sujeito. Dessa forma, “As exigências do Ics não são as mesmas do Pcs/Cs.”, porque alguns acontecimentos podem estimular certo prazer ao inconsciente, e uma inquietude no pré-consciente das pessoas, porém temos aqueles sonhos que achamos detestável que também são realizações de nossos desejos, mesmo que seja indiretamente. Dessa forma, podemos dizer que são através dos desejos inconscientes, que são realizadas a transferência desses desejos.

No artigo de Fonte, *Amor, Transferência e Desejo*, são descritas as definições que Freud faz sobre a “Transferência”, como uma: “repetição de experiências infantis, prova irrefutável da origem sexual das neuroses, que irão determinar a forma do sujeito relacionar-se com seus objetos.”. Conforme a autora nos relata que, as repetições de experiências infantis são de natureza incontestável, pois prova o início sexual das neuroses, através de perturbações nervosas, que lhe surgem sem que haja qualquer lesão, e por perturbações psíquicas das quais o indivíduo é consciente. Ao determinar a forma que o sujeito irá se relacionar com seus objetos, “tornam-se inteligíveis pela consideração de que não só as expectativas conscientes, mas também as retidas ou inconscientes produziram essa transferência.” (FREUD, 1911-1913, p. 103). Em relação ao reconhecimento do paciente ao analista, sobre as suas experiências vividas na infância são consideradas como uma “confissão de todo desejo proibido”, confundindo assim à própria pessoa, e essa necessidade leva a vários acontecimentos que parecem impossíveis no mundo real.

Essa transferência de reconhecimento, também pode ser utilizada ao sonho, em que a autora Lemaire²² descreve um trecho retirado do texto de Freud que:

A transferência não é mais que o próprio processo de formação do sonho, no sentido em que o desejo inconsciente, para se dizer, deve se transferir para as representações pré-conscientes da vigília e nelas se traduzir. (LEMAIRE, 1989, p. 274).

No entanto, essa transferência em que a autora relata, é uma das principais definições para o processo de tratamento do paciente, que essa “necessidade de amor não é completamente satisfeita pela realidade se voltará para toda pessoa nova com expectativas libidinais,” ou seja, os seus desejos não são concretizados e se volta para os indivíduos com expectativas de desejos sexuais constantes, tanto “de consciência quanto a inconsciente”, que “tenham participação nessa atitude.” (FREUD, 1911-1913, p. 102). Podemos dizer que pela psicanálise, segundo as teorias de Freud, refere-se à energia vital que está na base das modificações da pulsão sexual do indivíduo, isto é, pela busca instintiva pelo prazer sexual:

[...] somente uma parte desses impulsos que determinam a vida amorosa perfaz o desenvolvimento psíquico; essa parte está dirigida para a realidade, fica à disposição da personalidade consciente e constitui uma porção desta. Outra parte desses impulsos libidinais foi detida em seu desenvolvimento, está separada tanto da personalidade consciente como da realidade, pôde expandir-se apenas na fantasia ou permaneceu de todo no inconsciente, de forma que é desconhecida para a consciência da personalidade. (FREUD, 1911-1913, p. 102).

Conforme Freud descreve acima, sobre os impulsos que define a vida afetiva (amorosa) do sujeito, faz um percurso de evolução nos fenômenos mentais do indivíduo (psíquico), assim uma dessas partes que chamamos de (libido) é direcionada para a realidade, sendo ela diminuída no consciente, e a outra parte esta se distanciando da realidade, sendo aumentada no inconsciente dos indivíduos. Com a justificativa da diminuição da,

²² LEMAIER, Anika. **Jacques Lacan: uma introdução**. Tradução Durval Checchinato com a colaboração de Oscar Rossin Sobrinho e Sérgio J. de Almeida. – 4.ed. – Rio de Janeiro: Campus, 1989.

[...] porção da libido capaz de consciência, voltada para a realidade, e aumenta no mesmo grau a porção afastada da realidade, inconsciente, que ainda pode alimentar as fantasias da pessoa, mas que pertence ao inconsciente. [...] Ali onde a investigação psicanalítica depara com a libido recolhida em seus esconderijos, uma luta tem de irromper; todas as forças que causaram a regressão da libido se levantarão como “resistências” ao trabalho, para conservar esse novo estado de coisas. (FREUD, 1911-1913, p. 104).

Essa é uma das funções de desempenhar a transferência, pois se torna repentinamente e demonstram os impulsos eróticos que estão escondidos (ocultos) e omitidos (esquecidos) pelo paciente. Ao mesmo tempo em que esta voltada para a realidade da consciência (libido), ela se afasta da realidade e dando lugar ao inconsciente que alimenta as diversas fantasias das pessoas, mas que todas pertencem ao inconsciente do sujeito. Isto é, esta direcionada para a realidade, “a disposição da personalidade consciente”, e os impulsos sexuais se afastam da consciência e da realidade, pois ficam aprisionadas e impedidas as fantasias do inconsciente, sendo ela desconhecida pelo consciente. No entanto, dizemos que a análise psicanalítica se esbarra com o desejo sexual que apenas estão ocultos, mas que causaram um retorno do desejo e construiu uma resistência para manter-se sempre presente no inconsciente.

Dessa forma, podemos citar o Complexo de Édipo que faz referência ao desejo do sujeito. Em relação ao Complexo de Édipo, é uma definição utilizada por Freud para especificar a evolução ou o desenvolvimento sexual da criança, como por exemplo, o desejo de uma criança pela mãe, mas que existe uma interferência do pai nessa relação, e que “a criança é, pois, o falo, isto é, o desejo do desejo da mãe; ela se identifica com a mãe identificando-se com o objeto do seu desejo.” (GRACIA-ROZA, 2009, p. 221). Neste caso, a mãe é o objeto desejado pela criança, ou seja, é o objeto de amor, e que a mãe é apenas um objeto simbólico para a criança, porém “A reação, a sensibilidade da criança à presença da mãe é precocemente manifesta em seu comportamento.” (LACAN, 1995, p. 228), por esse motivo que a presença dessa mãe faz com que a criança sinta-se sensível, e através dessa sensibilidade percebemos o desejo da criança manifestando-se através de seu comportamento.

No entanto, a mãe pode ser o “objeto de amor a cada instante a mãe real”, isso pode mudar no momento em que a criança “frustra esse amor”, por isso, que a cada instante a criança se decepciona com esse amor, por causa da presença do pai, por que ele priva o filho do objeto simbólico (a mãe). Então, a relação existente entre o filho e a mãe é apenas uma

relação de amor, mas essa relação pode ser determinada, ou ela pode ser ou não satisfeita pela criança e que se “inclua a si mesma na relação como objeto do amor da mãe”. (LACAN, 1995, p. 229). É a partir deste momento em que a “intervenção do pai como privador tanto da criança como da mãe”, e assim o pai sente-se enciumado pelo fato do filho passar mais tempo com a mãe, e que ela não dá a devida atenção ao pai. Por isso, que o pai se frustra e começa a sentir a repressão (recalque), do desejo da união da mãe com a criança, por que o desenvolvimento do inconsciente torna-se uma idealização de sentimento ou desejo, que são considerados repulsivos pelo sujeito. E que através disso, são excluídos do consciente e mesmo assim insiste em permanecer na mente do indivíduo, e pode provocar perturbações (distúrbios) graves em sua vida.

Daí surge à privação do pai da “*criança do objeto do seu desejo e priva a mãe do objeto fálico*”, isto é, a partir do momento em que a criança começa a crescer, o pai expulsa o filho de perto da mãe para que ele não passe mais tempo com ela. Dessa forma, podemos ver que o objeto desejado (a mãe), passa ao filho os códigos necessários para que:

As próprias necessidades do *infans* são por ele captadas e ganham sentido através do discurso da mãe, que nos seus cuidados maternos lhe diz: “neném está chorando”, “neném quer mamar?”, “mamãe está aqui” etc. É, portanto a mãe que lhe oferece o código no interior do qual suas necessidades vão ser estruturadas e receber um sentido. (GRACIA-ROZA, 2009, p. 221).

Conforme a autora descreve acima, é a própria mãe que determina os códigos para a criança através de linguagens infantis, porém esse tipo de linguagem não existe ainda para as crianças. Na medida em que as crianças começam a ter entendimento, esses códigos são constituídos através das necessidades da criança, e quando ela principia o sentido desse tipo de linguagem. Após, ter descrito brevemente sobre o Complexo de Édipo, percebermos que o retraimento (introversão) ou o retorno (regressão) do desejo sexual não “fosse justificada por uma determinada relação com o mundo exterior”, sendo ela “pela frustração da satisfação” e também “não fosse adequada para o momento, não poderia em absoluto efetuar-se.”. (FREUD, 1911-1913, p. 104). Aqui percebemos que a libido (desejo sexual), fica disposta na personalidade ou no ego, que sempre esteve vinculado na obscuridade do inconsciente, e para poder libertar “essa atração do inconsciente” é preciso superá-la, ou seja, deve-se corrigir “a repressão das pulsões do inconsciente e de suas produções”, e obrigatoriamente deve ser eliminada ou excluída do indivíduo, e por ser diminuída pela insatisfação do sujeito.

Dizemos que, “a transferência na análise sempre nos aparece, de imediato, apenas como a mais poderosa arma da resistência, e podemos concluir que a intensidade e a duração da transferência são efeito e expressão da resistência.”. (FREUD, 1911-1913, p. 104-105). Desse modo, a transferência é um artifício forte de resistência dos impulsos de indivíduos, isto é, são considerados difíceis por não permitir que os impulsos proibidos de desejos, se manifestem, mas esses desejos proibidos por sua vez são revelados diante da pessoa em que ela se relaciona.

Contudo dizemos que, é convincente que todo desejo proibido torna-se dificultoso, quando ele “deve ser feito à própria pessoa”, em que ele se direciona, mas para que o sujeito vença essas dificuldades é preciso ter “Uma relação de terno e dedicado afeto pode, pelo contrário, ajudar a vencer todas as dificuldades da admissão.”. (FREUD, 1911-1913, p. 106). E assim, os seus impulsos que estão inconscientes tornam-se acessíveis, através de suas lembranças, e nos apresentam com uma possibilidade de ilusão (alucinação) no inconsciente, assim como “nos sonhos, o doente atribui realidade e atualidade aos produtos do despertar de seus impulsos inconscientes; ele quer dar corpo a suas paixões, sem considerar a situação real.”. (FREUD, 1911-1913, p. 109). Portanto, na maioria de seus sonhos o paciente quer tornar em realidade os impulsos de seu inconsciente, ou seja, o doente quer alimentar as suas paixões que para ele são consideradas realidade, e assim “não se deve esquecer que”, nesses desejos são “manifestos os impulsos amorosos ocultos e esquecidos dos pacientes”, que reconhecem os seus impulsos omitidos em sua memória.

Por motivos pertinentes, a linguagem tem importância fundamental para a formação de nossa consciência, como se compreendesse ou descobrisse “em todos os campos da atividade consciente” do indivíduo, e aumentando um novo grau (nível) de desenvolvimento dos sistemas psicológicos (psíquicos) do homem, isto é, tornando-se um dos fatores principais e participando da formação de todo consciente da vida do sujeito, e acaba mudando “os processos de atenção do homem”. (LURIA, 1991, p. 82).

Assim,

[...] a linguagem se torna pela primeira vez *atividade mnemônica consciente*, na qual o homem coloca fins especiais de lembrar, organiza o material a ser lembrado e acha-se em condições não só de ampliar de modo imensurável o volume de informação que se mantém na memória como ainda de voltar-se arbitrariamente para o passado, selecionando nele, no processo de memorização, aquilo que em dada etapa se lhe afigura mais importante. (LURIA, 1991, p. 82).

Conforme a autora, a linguagem concede ao homem uma forma de se afastar ou desligar-se de seu conhecimento (experiência) repentino, pela primeira vez, e ainda dar lugar a sua imaginação, trazendo para o presente momento informações do passado, ou seja, fazendo a memorização daquilo que lhe torna mais importante em sua vida pessoal. Citemos aqui os sonhos que são considerados sintomas, isto é, processos psíquicos de uma pessoa, que busca a realização de um desejo, no entanto, não é considerado e nem reconhecido por parte de quem sonha como desejo, mas é considerado contraditório ou paradoxal, o seu sonho. Então, pressupomos que os impulsos de nossos desejos estão infiltrados em nosso inconsciente, e esses desejos continuam a existir mesmo quando nós não conseguimos expressá-los verbalmente. No entanto, só existe a possibilidade de um desejo consciente, se este desejo surgir no inconsciente, conseguindo assim um auxílio que determina a quantidade dos elementos de seu sonho, assim os sonhos são realizações disfarçadas de desejos proibidos e inconscientes na mente do indivíduo.

Só podemos ter acesso ao nosso inconsciente através das manifestações da consciência, por que são censuradas ao sistema do pré-consciente, e assim, essas manifestações são distorcidas e modificadas em nossa consciência. Conforme Garcia-Roza (2009) nos descreve que, as manifestações na mente dos seres humanos são formações do inconsciente como os chistes, os sonhos, os atos falhos e os sintomas.

Uma hipótese que Freud questiona é “que esse deslocamento não está entregue a uma escolha psíquica arbitrária, mas segue vias previsíveis que obedecem a leis.” (FREUD, 1987, p. 19). Nesse trecho, Freud descreve as leis do inconsciente que são manifestas na linguagem, e que a linguagem também muda os processos de memória do ser humano, que: “Tudo isso se refere à imensa plasticidade e ao caráter dirigível dos processos de atividade consciente do homem, que distingue o seu comportamento do comportamento do animal.” (FREUD, p. 84). Confirma-se que falar uma língua é realizar ações, a língua constitui um “*sistema de valores puros*” que nada determina fora do estado momentâneo de seus termos. (SAUSSURE, 2006, p. 95). Os enunciados possuem uma força, fazendo assim com que as intenções do falante alcancem o ouvinte, para que este realize os atos de fala propostos pelo falante. Contudo, existe uma relação entre inconsciente e linguagem que foi proposta por Freud, através de suas observações e de suas formações metafóricas, como método de interpretação na fala e na escrita.

4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como principal objetivo, uma revisão bibliográfica sobre o inconsciente e linguagem, por meio de aspectos teóricos de Ferdinand Saussure, Émile Benveniste e Sigmund Freud, mostrando como o que se pode fazer entre o inconsciente e linguagem. “É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito”, é a língua que fornece a estrutura linguística, e a estrutura formal, é quem permite o funcionamento da subjetividade, é através dela que os falantes, se comunicam com o mundo em que vivem. O estudo da linguagem é muito importante, e é através da linguagem que o homem se distingue dos animais tornando-se, superior, por isso que o homem está a todo o momento sujeito as falhas, isto é, não estamos sujeitos totalmente aos esquecimentos, às perturbações, ou aos lapsos da fala, da escrita, entre outros.

Benveniste colocou o sujeito no centro do seu dizer, postulando que o locutor se apropria das formas da língua, definindo-se como *eu* e, ao mesmo tempo, instituindo seu interlocutor como *tu*.

Nesse sentido, esta pesquisa é descritiva, porque tem a finalidade de registrar, observar, conhecer, analisar, sem interferir nos fatos linguísticos presentes no trabalho, partindo das principais contribuições teóricas da enunciação. Portanto, dizemos que o inconsciente de uma pessoa é encontrado nos atos falhos e nos momentos de atos mais casuais, que “os fenômenos podem ser rastreados a um material psíquico incompletamente suprimido, o qual, apesar de repellido pela consciência, ainda assim não foi despojado de toda a sua capacidade de se expressar.” (FREUD, 1901, p. 179). Por isso os fenômenos são diversificados que são descritos por Freud, e que a eficiência do inconsciente do ser humano são mais verídica em pessoas normais, mas desde que podemos considerar como simples acaso do dia a dia das pessoas. E assim, Freud afirmou em sua teoria da “Psicopatologia da vida cotidiana”, que o ato falho é o consciente da pessoa que esta reprimida e que através desse ato falho surge-lhe o desejo do inconsciente, que acaba sendo realizado.

E esses fatores explicam que nada acontece por acaso (os processos mentais), mas existe alguma causa para cada pensamento, para que isso ocorra na memória revivida, no sentimento ou na ação. Diante dessas considerações que abordamos nessa pesquisa bibliográfica, podemos observar que não existe indivíduo, enquanto ser racional sem a

linguagem e nem mesmo uma linguagem separada do falante. Dessa maneira, entendemos que o homem (sujeito) traça uma das manifestações em cima de um desejo inconsciente, que o próprio sintoma é uma representação de um desejo do inconsciente.

Nesta perspectiva foi possível identificar a construção de Freud na psicanálise, sobre o inconsciente, e ainda para as teorizações de Saussure e Benveniste, elaborando alguns conceitos para explicar muitos dos sintomas dos seres humanos, entre a linguagem e o inconsciente. Este é resultado de uma pesquisa bibliográfica sobre inconsciente e linguagem, onde o sujeito se estabelece no campo da linguagem, atribuindo ao indivíduo a responsabilidade por sua condição, ou seja, por aquilo que lhe acontece, e suas manifestações que são próprias que o homem cria e articula no seu inconsciente. Isso só é possível para o indivíduo, por causa de seus desejos. As questões que aqui foram apresentadas tiveram em cada capítulo a sua importância dentro de cada contexto.

As novas manifestações e as relações do inconsciente com a linguagem, este foi o tema escolhido para nossa pesquisa, uma das minhas inquietações das disciplinas de psicologia e psicanálise, tendo como mecanismo principal a fala e a linguagem, ou seja, "É na palavra e pela palavra que o inconsciente encontra sua articulação essencial.". Portanto, buscou-se no presente trabalho explicar brevemente alguns aspectos sobre o inconsciente e linguagem e suas formas de manifestações nos atos falhos, nas lembranças, nos esquecimentos e nos sonhos.

5 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENVENISTE, Émile. **Problemas de lingüística geral I**. Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri; revisão do Prof. Isaac Nicolau Salum – 4ª Ed. – Campinas, SP: Pontes. Editora da Universidade Estadual de Campinas, (Linguagem Crítica), 1995.

_____. **Problemas de lingüística geral II**. Tradução Eduardo Guimarães...; revisão técnica da tradução Eduardo Guimarães. – Campinas, SP: Pontes. (Linguagem Crítica), 1989.

BOCK, Ana Mercês Bahia, FURTADO, Odair & TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**. Editora Saraiva, 13ª edição reformulada e ampliada— 1999, 3ª tiragem — 2001.

Dicionário online de língua portuguesa. Disponível em:
< www.dicio.com.br >. Acesso em: 15 outubro 2014.

FONTE, Maria Lia Avelar da. **Amor, Transferência e Desejo**. Recife, 1998. Disponível em:
<http://www.interseccaopsicanalitica.com.br/int-participantes/lia-fonte/lfonte_Amor-transferencia-desejo.doc>. Acesso em: 23 setembro 2014.

FREUD, Dr. Sigmund. **Sobre a psicopatologia da vida cotidiana**. Volume VI. Rio de Janeiro, 1901.

_____. **Conferências introdutórias sobre psicanálise (Partes I e II)**. Volume XV. Rio de Janeiro, 1915-1916.

_____. **A Consciência e o que é Inconsciente**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1923.

_____. **A atividade Consciente do homem e suas raízes Histórico-Sociais**. Editora Saraiva, Rio de Janeiro, 1996.

_____. **A interpretação dos sonhos (1900)**. In: Obras Completas. Vol IV. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

_____. **Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia ("O caso Schreber")**, Artigos sobre técnica e outros textos. Obras Completas. Vol. 10. Tradução Paulo César de Souza, 1911-1913.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **FREUD e o inconsciente**. 24ª ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

GARCIA, Ivanir Barp. **Sintoma: A fala enigmática do inconsciente**. Professora do Departamento de Psicologia da UFSC, doutora em Psicologia (Psicanálise) pela Universidad del Salvador Buenos Aires, 1994. Disponível em: < <https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/viewFile/.../21385>>. Acesso em: 08 novembro 2014.

JORGE, Marco Antonio Coutinho. **Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan**. – 5.ed. Vol. 1. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 4: a relação de objeto**. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller; tradução Dulce Duque Estrada. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.

_____. **O seminário, livro 5: as formações do inconsciente**. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller; [tradução de Vera Ribeiro; revisão de Marcus André Vieira]. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

LEMAIRE, Anika. **Jacques Lacan: uma introdução**. Tradução Durval Checchinato com a colaboração de Oscar Rossin Sobrinho e Sérgio J. de Almeida. – 4.ed. – Rio de Janeiro: Campus, 1989.

LONGO, Leila. **Linguagem e psicanálise**. — Rio de Janeiro: Editor, Jorge Zahar Ed., 2006.

LURIA, Alexander Romanovich. **A Atividade Consciente do Homem e Suas Raízes Histórico-sociais**. In Curso de Psicologia Geral. Tradução de Paulo Bezerra. 2. Ed. Rio de Janeiro; Civilização Brasileira. (V. 1: Introdução evolucionista à psicologia), 1991.

ORLANDI, Eni P. **Análise do Discurso: Princípios e Procedimentos**. 5ª edição. Pontes. Campinas. S.P.

SAUSSURE, Ferdinand de, 1857 – 1913. **Curso de Linguística geral**. Ferdinand de Saussure; organizado por Charles Bally, Albert Sechehaye; com a colaboração de Albert Rieclinger; prefácio da edição brasileira Isaac Nicolau Salum; Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein – 27ª. Ed. São Paulo, Cultrix, 2006.